

Leonel Ribeiro dos Santos

MELANCOLIA E APOCALIPSE

ESTUDOS SOBRE O PENSAMENTO PORTUGUÊS
E BRASILEIRO

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

PREFÁCIO

Os ensaios reunidos neste volume, redigidos na sua maioria nos últimos quinze anos, representaram para o seu autor outras tantas etapas de um percurso pessoal de descoberta de algumas figuras bem conhecidas da história literária portuguesa e brasileira, cujas obras são lidas aqui não apenas como monumentos literários mas também e sobretudo como importantes testemunhos de reflexão especulativa e como propostas de pensamento e de visão do mundo.

À sua maneira, estes estudos poderão contribuir para mostrar a insustentabilidade da ideia, assaz repetida, segundo a qual os portugueses são destituídos de capacidade especulativa. Tal ideia, mais do que servir para caracterizar com justiça os autores da nossa história literária passada, cumpre o não muito nobre serviço de legitimação da preguiça de reflexão e de perpetuação de um assumido estatuto de menoridade intelectual da cultura portuguesa, um programa que não raro tem encontrado os seus promotores até entre os representantes da considerada elite política e intelectual do país. Creio, pelo contrário, como o Fradique Mendes do Eça, que uma nação só existe verdadeiramente — mais, só merece verdadeiramente existir — na medida em que tem consciência reflectida de si própria, na medida em que pensa — cogitat, ergo est —, e que só pode mesmo regenerar-se na medida em que é capaz de assumir criticamente as modulações da sua consciência especulativa passada, registadas nas obras dos seus escritores e pensadores, tenham elas de resto a dimensão que tiverem.

Ao contrário do que possa sugerir o título que levam, tomado de resto do primeiro dos ensaios do volume, não se pretende propor uma interpretação global do pensamento português e brasileiro como oscilando, sobretudo o primeiro, entre a meditação melancólica e os assomos de sonhos messiânicos ou de soluções apocalípticas. Tal

como vão e como foram pensados e escritos, estes ensaios são autónomos e não pretendem provar nenhuma tese comum. Neles se cuidou apenas de ouvir o que ainda têm a dizer os pensadores abordados, perscrutando-os no espírito da sua letra, remetendo-os para os contextos a partir dos quais enunciaram as suas razões, deixando que eles mesmos se expliquem. De resto, mesmo que estes textos pouco elucidem quanto ao pensamento dos escritores e pensadores de que tratam, ainda assim eles sempre dirão alguma coisa acerca do modo como pela leitura desses pensadores foi elucidado aquele que os redigiu.

Mas, se não há uma tese comum a esta dúzia de ensaios, é pelo menos possível seguir através deles as modulações da ideia de um projecto messiânico, ou de transcendência cultural de matriz lusíada, em Vieira, em Pessoa, em Aarão de Lacerda e Teixeira de Pascoaes, em Agostinho da Silva. Cinco tratam expressamente do pensamento estético dos autores estudados, um domínio sensível onde muitos deles deixaram registadas as suas mais profundas reflexões ou mesmo o cerne da sua visão do mundo. Em quase todos os ensaios deste volume se trata, directa ou indirectamente, do problema das relações entre filosofia e literatura, ou entre filosofia e poesia, um tópico relevante de que me tenho ocupado noutras obras, mas que é particularmente interessante no que toca ao pensamento português, o qual frequentemente se expôs em géneros literários não convencionados como sendo os géneros canónicos e escolares de exposição do pensamento filosófico.

O percurso que estes ensaios descrevem não o teria eu feito se não fosse o estímulo recebido de vários amigos e colegas com os quais fui aprendendo a descobrir e a apreciar a cultura filosófica portuguesa. Dois há que devo mencionar em particular: o saudoso Professor Francisco da Gama Caeiro, a cuja memória vai dedicado o volume, o qual me quis associar ao Instituto de Filosofia Luso-Brasileira desde a sua fundação, no âmbito de cujas iniciativas muitos destes estudos foram escritos e apresentados publicamente; o Professor António Braz Teixeira, de quem tenho aprendido a reconhecer o valor e a extensão do património especulativo português e a quem devo até a sugestão do tema de alguns dos ensaios deste volume.

Lisboa, Páscoa de 2005.

**MELANCOLIA E APOCALIPSE.
VIVÊNCIA DO TEMPO E CONCEPÇÃO DA HISTÓRIA
EM ANTÓNIO VIEIRA**

Tal é a fraqueza dos nossos ânímos, que
nem a desejar nos atrevemos as felicidades.

PADRE ANTÓNIO VIEIRA, *Cartas*, II, 617.

1 Vieira e a crise da consciência histórica do Barroco

Quem se confronta com a obra do Padre António Vieira e pretende captar nela as linhas de uma consistente visão do mundo, às primeiras tentativas, vê frustrado o seu intento. Na sua monumental extensão, na sua pródiga variedade de géneros (sermões, cartas, escritos utópico-messiânicos, apologias, projectos políticos...), parece reinar, se não a contradição, pelo menos um gosto pela antinomia e pelo paradoxo, de tal modo entretecido numa labiríntica complexidade que não se deixa facilmente reduzir a um conjunto económico de teses. Mas isso não deve impedir-nos de tentar compreender a visão do mundo que anima e liga os vários aspectos da obra do jesuíta português e que, de algum modo, está para além dessa mesma obra, pois que fala de um mundo e de uma época que não se reduzem à autobiografia física, moral ou intelectual do seu autor.

Sendo, sem dúvida e antes de mais, o documento pessoal de uma vida intensa e variamente vivida, a obra literária de Vieira constitui igualmente um privilegiado testemunho através do qual é possível ler o diagnóstico duma característica

ÍNDICE

PREFÁCIO	9
Melancolia e apocalipse. Vivência do tempo e concepção da história em António Vieira	11
Vieira e a hermenêutica barroca	55
Domingos Gonçalves de Magalhães: do racionalismo eclético ao ontologismo metafísico	107
Antero de Quental e a recepção da filosofia alemã em Portugal	133
Razão estética e sistema no pensamento de Cunha Seixas	161
Eça de Queirós e a filosofia, ou o artista enquanto pensador ...	189
Estética e filosofia da arte nos pensadores da «Escola Portuguesa»	229
Fernando Pessoa, Poeta e Filósofo da Natureza	265
Razões do sentimento e prazeres da inteligência. Sobre as ideias estéticas de António Sérgio	313
A arte como obsessão, ou o humanismo estético de Vergílio Ferreira	349
Agostinho da Silva, pedagogo da liberdade	375
O pensamento estético de Miguel Reale	397
<i>Proveniência dos textos</i>	423